

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UAB – UnB
CURSO DE ARTES VISUAIS

MARIA ADRIANA PINHO DO NASCIMENTO

O ESTUDO DA CULTURA INDÍGENA PUYANAWA NO CONTEXTO ESCOLAR
DA ESCOLA CUNHA DE VASCONCELOS NA MODALIDADE EJA

CRUZEIRO DO SUL- AC, 2012.

MARIA ADRIANA PINHO DO NASCIMENTO

O ESTUDO DA CULTURA INDÍGENA PUYANAWA NO CONTEXTO ESCOLAR
DA ESCOLA CUNHA DE VASCONCELOS NA MODALIDADE EJA

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura, habilitação em Artes Visuais,
do Departamento de Artes Visuais do
Instituto de Artes da Universidade de
Brasília.

Orientadora: Professora Ms. Alexandra
Cristina Moreira Caetano.
Tutor: Professor Ms. Fábio Fonseca

MARIA ADRIANA PINHO DO NASCIMENTO

O ESTUDO DA CULTURA INDÍGENA PUYANAWA NO CONTEXTO
ESCOLAR DA ESCOLA CUNHA DE VASCONCELOS NA MODALIDADE EJA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora para
obtenção do Grau de Licenciada no Curso
de Artes Visuais da Universidade de
Brasília – UAB – UnB, com a Linha de
Pesquisa em Educação e Arte.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela perseverança que tem me dado em tudo que almejo alcançar. A minha família, por me apoiar e oferecer ajuda nas horas difíceis de tribulação. A todos os professores e tutores a distancia e presencial que muito incentivaram e contribuíram para a minha formação. Aos meus amigos, pelo incentivo a busca de novos conhecimentos. A meus pais, que me ofereceram uma base educacional e me ensinaram a vencer os desafios.

A minha família. Aos tutores a distância e presenciais, pelas orientações e a paciência com as quais conduziram a disciplina em cada módulo. As professoras Alexandra Caetano e Raimunda Carvalho, pela atenção e dedicação de muitas vezes que precisei solucionar minhas dúvidas. A todos, meu carinho e muito obrigada.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é o desenvolvimento de uma atividade em arte/educação a partir do uso de elementos das manifestações artísticas da cultura indígena puyanawa na Escola Cunha Vasconcelos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Município de Rodrigues Alves. Durante a disciplina de Estágio surgiu o interesse de se trabalhar essa temática pelo fato de querer divulgar a diversidade cultural dos povos indígenas, em especial, dessa tribo, por habitar nas proximidades do município e conviver constantemente com a população local. As artes de modo geral compreendem as diversas formas de manifestações culturais que compõem a sociedade. Ela está no dia a dia das pessoas, presente na criatividade envolvida em qualquer trabalho que se faça, seja de caráter artístico ou não. A escola tem papel importante para o reconhecimento e fortalecimento das multiculturas, por isso devem adequar seus currículos para atender a essas diversidades culturais fundamentais para o enriquecimento da própria cultura local. Quanto mais se valoriza a cultura regional, mais se aprende sobre a riqueza dessa região presente em cada um de seus habitantes, seja aluno, professor e as instituições como um todo. Assim, pelo conhecimento da arte de outra cultura, pretende-se que o aluno entenda melhor os seus valores e seu modo de ser e pensar, pois o respeito às diversidades é o que faz um povo ser democrático e que acata a liberdade de expressão em suas variadas formas de comunicação.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Artes Visuais. Cultura Puyanawa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- faixa de boas-vindas	12
Figura 2 - Cocar - exemplo de arte plumária	14
Figura 3 – Pintura corporal	15
Figura 4 – Pintura corporal.....	15
Figura 5 – Tatuagem facial - índia puyanawa	16
Figura 6 – Tatuagem facial – índia puyanawa mais antiga.....	16
Figura 7 - Cartaz em sala de aula da escola IxubãRabuyPuyanawa.....	17

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPITULO I - O POVO POYANAWA	
1.1. Breve Histórico	12
1.2. Aspectos Culturais	13
1.3. A Cultura Indígena no Contexto Escolar	18
1.3.1. Educação Escolar Indígena: Um Currículo Diferenciado.....	18
1.3.2. Linguagem Visual e o Ensino Multicultural de Arte	20
1.3.3. A Arte na Educação Escolar: Teoria e Prática	22
CAPITULO II – METODOLOGIA	
2.1. A Cultura Puyanawa e a Arte/Educação na Escola Cunha Vasconcelos.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está voltado para o estudo da cultura indígena puyanawa no contexto escolar como recurso da prática pedagógica no ensino da arte/educação na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O interesse de se trabalhar a temática da “cultura indígena puyanawa no contexto da Escola Cunha de Vasconcelos na modalidade EJA no Município de Rodrigues Alves” surgiu na disciplina de Estágio.

O objetivo deste trabalho é propor, aos alunos da EJA, uma atividade em arte/educação com o uso de elementos gráficos indígenas, levando em conta o multiculturalismo e considerando, ainda, a cultura local que deve ser vista como um sistema de conhecimentos e significados, capaz de levar à escola as experiências de vida de seus atores. Assim, a Arte representa a expressão da criatividade de um povo, pois está presente em seu processo cultural. É com esse intuito que se propõe aos estudantes da EJA uma visita à aldeia puyanawa a fim de que conheçam o processo criativo desses indígenas que utilizam elementos da natureza para fazerem “sua arte”.

Este trabalho se fundamenta em referências que tratam da importância da cultura visual e do multiculturalismo no ensino da arte/educação, bem como, a arte no contexto escolar e sua relação com a cultura indígena. Por meio desse estudo os educandos podem entender a importância de valores diferentes dos seus, além de produzir imagens e objetos inspirados na arte indígena puyanawa.

A inserção dessa cultura no ambiente escolar deve-se ao fato desta etnia conviver com a população do município e, ainda assim, não está integrada a ela em função da diversidade cultural desse povo. Tais conhecimentos não podem se distanciar da realidade local e nem ser esquecidos porque tem papel importante na formação étnica e cultural desse município.

Por meio do ensino de arte/educação, pretende-se resgatar os conhecimentos da tribo puyanawa quanto à produção de arte e de artesanato, visto que os saberes ancestrais são transmitidos oralmente de geração em geração, permitindo a formação de pintores, artesões, ceramistas ou cesteiros. Apesar de o foco ser a arte indígena, outros saberes devem ser preservados e cultivados para não se perder no tempo.

Cada povo indígena representa culturas, línguas, conhecimentos e crenças únicas, e sua contribuição na arte, na música, na medicina e em outras riquezas

culturais, é importante para a sociedade em geral. Ao refletir sobre essa cultura percebe-se que ela está presente no dia a dia dos estudantes dessa região, como na linguagem, na culinária, nos ritos religiosos. Essas influências passam despercebidas porque a população do município desconhece ou não valoriza a origem de sua cultura.

A intenção deste trabalho é promover um contato entre os alunos dessa comunidade escolar e a arte indígena dessa tribo, bem como, a valorização de sua cultura e o processo histórico-social na formação da sociedade local. Deve-se levar em consideração suas manifestações artísticas, pois apesar de serem descendentes de índios e essa região habitarem várias tribos, o ambiente escolar desconhece essa rica cultura. Assim, o aluno conhecendo a arte de outra cultura, compreende a relatividade de valores presentes em seu modo de pensar e agir.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro refere-se à fundamentação teórica que traz reflexões sobre o povo puyanawa, em que se faz um breve histórico dessa tribo que reside nas Aldeias Barão e Ipiranga, Município de Mâncio Lima, bem como uma abordagem sobre as tradições e a cultura desse povo. Esse capítulo aborda, também, a cultura indígena no contexto escolar e a importância da educação escolar indígena ter um currículo diferenciado para atender as especificidades dessa educação. A linguagem visual e o ensino multicultural de arte, bem como, a arte na educação escolar: teoria e prática fecham o capítulo.

O capítulo dois aborda a metodologia utilizada na execução da proposta e apresenta os resultados obtidos. O início da prática se dá com a realização da visita à aldeia. Para a realização da visita, conta-se com a disponibilização de um ônibus escolar do município. Os alunos devem levar consigo uma câmera fotográfica para registrarem a arte da tribo (pintura corporal e em cerâmica). Essa visita tem por finalidade aproximar os alunos da cultura da tribo, observando a relação entre o processo de criação artística e o modo de vida.

Já em sala de aula, o compartilhamento dos conhecimentos adquiridos pelos alunos sobre a cultura indígena puyanawa é feito por meio de atividades escritas elaboradas a partir da realidade vista na tribo. Em seguida, assistem ao vídeo “O povo Brasileiro” de Darcy Ribeiro. Esse vídeo é usado para promover um debate sobre a cultura indígena. Para direcionar as discussões, algumas reflexões são postas como, por exemplo, se os índios de hoje são os mesmo de antigamente?

Quais diferenças e semelhanças entre os indígenas do vídeo e os da tribo puyanawa?

Em outro momento, os alunos reproduzem o grafismo indígena, pintando em tela ou jarros de barro e, também, alguém da sala. Na oportunidade, devem explicar o significado de cada traço do desenho com base nas explicações que tiveram na aldeia. Para estas a realização destas atividades dispõem, utilizaram papel A4 e cerâmica em argila. Um membro da aldeia foi convidado para vir à escola e fazer uma “aula de contação de estórias”, sobre as lendas, tais como a da “Mãe D’agua”, “Caipora”, “Mãe da Seringueira”, “Batedor”, “Cobra Grande”, entre outras. A interação entre alunos e convidado pode ser feita por meio de troca de perguntas e questionamentos para que os “saberes” sejam compartilhados por todos os presentes. Os dados foram coletados por meio do método da observação e entrevista. Compôs a pesquisa, os índios da tribo puyanawa (observação), a professora que ministra a disciplina de arte na Escola Cunha de Vasconcelos (entrevista) e alunos da Educação de Jovens e Adultos dessa mesma escola. Por meio da análise dos dados foi possível verificar a metodologia utilizada pela professora de arte, o conhecimento dos alunos sobre os povos indígenas e o impacto desse trabalho no contexto escolar.

CAPITULO I - OS POVOS PUYANAWA

1.1. Breve Histórico



Figura 1: faixa de boas-vindas aos participantes do primeiro evento esporte/cultural em uma aldeia puyanawa. Fonte: Projeto Corredor Pano; Foto: Gleilson Miranda/Secom (16/10/2008).

Para entender o comportamento do Povo Puyanawa e sua cultura faz-se necessário conhecer a história desse povo. Uma história marcada por conflitos, lutas, correrias, perdas e ganhos. Por isso recorreu-se às referências que tratam do assunto. O Estado do Acre dispõe de um acervo considerável, como revistas, artigos, documentos oficiais e outros que fundamentam o tema sobre a história das tribos que habitam esse território. Os índios da Tribo Puynawa, objeto de estudo deste trabalho, vivem no Estado do Acre, município de Mâncio Lima e se dividem em duas aldeias, Barão e Ipiranga. Em 2010, a população era de 540 habitantes (FUNASA, 2010). Em meados do século XX, o povo puyanawa quase foi extinto, devido a invasão que sofreram em suas terras localizadas nas bacias dos rios Juruá e Purus. Não se sabe ao certo qual era a população de nativos durante a ocupação dos colonizadores, porque não havia interesse dos invasores na cultura ou na língua deste povo. (PROJETO CORREDOR PANO, 2011). Os puyanawas foram expropriados de suas terras, catequizados e educados em escolas, que proibiam a manifestação de qualquer traço de sua cultura. Somente com o início do processo de demarcação de seu território, a cultura puyanawa voltou a ser valorizada pelos próprios índios que têm se esforçado para retomar sua língua nativa, tarefa que realizam com dificuldade, tendo em vista o reduzido número de falantes. (PUYANAWA, 2010). De acordo com Projeto Aldeias Vigilantes (2006), houve muita resistência do povo puyanawa ao processo de “amansamento” e escravização, que

fizeram uso de diversos artifícios para enganar os opressores, entre eles a miscigenação. Hoje, os puyanawas resistem como povo e lutam para recuperar sua cultura e sua língua. Nos tempos atuais, o sustento dos puyanawas baseia-se na agricultura. Cada família possui sua roça e vende galinha, ovos e porco. Devido à perseguição que sofreram no tempo das correrias, e a proximidade da cidade de Mâncio Lima a Tribo Indígena Puyanawa tem características regionais, tais como as casa em alvenarias, energia elétrica, água encarnada. A primeira impressão é de que a aldeia é uma vila de Mâncio Lima. No entanto, é um povo que mantém sua cultura e que procura firmar sua identidade por meio da língua, das danças, músicas, artesanato. (PROJETO ALDEIAS VIGILANTES, 2006). Segundo o Projeto Corredor Pano (2011), o principal desafio das novas gerações puyanawas é manter sua identidade cultural diante do encanto e o acesso das novidades e as necessidades vindas da cidade.

Atualmente os puyanawas tem demonstrado preocupação com suas práticas culturais e espirituais. Desde 2008, a realização do V encontro de cultura dos povos indígenas do Estado do Acre em sua aldeia, fez com que seu povo refletisse sobre sua cultura ancestral, trazendo mudança na forma de pensar e viver. (PROJETO CORREDOR PANO, 2011). Os puyanawas têm apoio das intuições governamentais e não governamentais e de boa parte da sociedade “branca”, embora haja certa discordância das lideranças indígenas.

1.2. Aspectos Culturais

O conjunto de costumes e valores específico de cada tribo é o que determina sua cultura. Com a Tribo Puyanawa não é diferente, pois seus membros contribuem para suas condições de vida, conforme suas tradições, rituais e crenças e formas de comunicação. Assim, a cultura dessa tribo se manifesta por meio de sua arte, como a dança, a cestaria, a pintura corporal, o artesanato, os utensílios de cerâmica, as bijuterias com sementes. Para os indígenas, a arte está presente em tudo o que fazem porque está ligada à religiosidade do povo. Em cada objeto existe a indicação de muitos valores simbólicos espirituais, como os desenhos que representam os mitos que cultuam. Na produção a partir de elementos naturais, há dois aspectos da arte indígena que despertam interesse especial: a arte plumária e a pintura corporal.

A exuberante arte plumária está associada à religiosidade, a beleza e a vaidade, proporcionando elegância e majestade. No cocar, por exemplo, estão contidas informações, como o grupo, a faixa etária, posição social e política de seu possuidor. A plumagem é uma arte especial porque está associada à pura busca da beleza. (MENINAS EM ARTE, 2012).

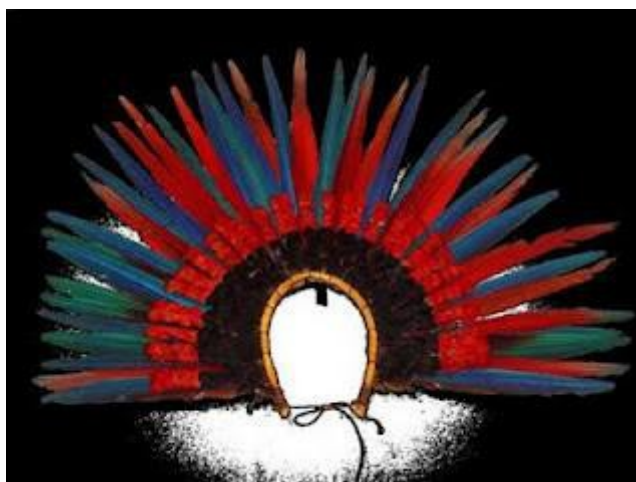


Figura 2: Cocar - exemplo de arte plumária. Foto: Tania. Fonte: <https://meninasemarte.wordpress.com/2012/04/.../programa-de-indio>

Já a pintura corporal está associada ao esforço de transmitir ao corpo a alegria contida nas cores vivas e intensas dos produtos que usam para fazer tais pinturas, como o vermelho vivo do urucum, o negro esverdeado da tintura do suco do jenipapo e o branco da tabatinga.



Figura 3: Pintura Corporal – Museu da Inconfidência de Ouro Preto. Fonte: <https://meninasemarte.wordpress.com/2012/04/.../programa-de-indio>.



Figura 4: Pintura Corporal – Biblioteca da Professorinha.
Fonte: <https://meninasearte.wordpress.com/2012/04/.../programa-de-indio>.

Segundo os próprios indígenas, cada traço das pinturas feitas no corpo tem um significado e eles não revelam facilmente.

A tatuagem facial é outra característica comum a diversos povos de língua pano. O padre Tastevin relatou no começo do século XX que entre os puyanawa a tatuagem tratava-se de uma linha que ia da altura da boca à altura do lóbulo da orelha, tendo sobre a mesma pequenas linhas verticais. Havia uma cor azulada sobre a tatuagem e ao redor dos lábios. A tatuagem era feita em crianças de oito a dez anos, geralmente pelos mais velhos. Na década de 1980, havia ainda três índios puyanawa com tatuagem facial. (Aspectos culturais Puyanawa). De acordo com Lévi-Strauss, antropólogo francês que esteve entre os índios brasileiros em 1935 disse que,

As pinturas do rosto conferem, de início, ao indivíduo, sua dignidade de ser humano; elas operam a passagem da natureza à cultura, do animal estúpido ao homem civilizado. Em seguida, diferentes quanto ao estilo e à composição segundo as castas, elas exprimem, numa sociedade complexa, a hierarquia dos status. Elas possuem assim uma função sociológica. (HISTÓRIA DOS ÍNDIOS BRASILEIROS).



Figura 5: índia puyanawa – tatuagem facial
 Fonte: Projeto Corredor Pano – Haru Kuntana
 Foto: Barbara Veiga



Figura 6: tatuagem facial – índia mais antiga
 Sra Isaura Antimá. Acervo CPI-AC.
 Foto: Delvair Montagner Melatti, 1977.

Outras informações, também registradas nos anos 1980, relatam que nessa época somente os velhos sabiam fazer cestos, arco e flecha, adornos corporais, rede de dormir e potes de barro. Os objetos de cerâmica além da função doméstica, eram utilizados para fins religiosos, pois antigamente, havia um recipiente destinado a "cozinhar mortos". Segundo Tastevin, os Puyanawas cozinhavam os cadáveres durante dez a doze horas, dançando e chorando. O líder dividia os pedaços de carne do morto entre os parentes e demais índios participantes do ritual. Estes incineravam os pedaços de carne e misturavam as cinzas à caiçuma (caldo de milho com amendoim), que era então ingerida com o objetivo de incorporar as qualidades do falecido. Apesar dessa “aparente crueldade” o respeito às diversidades implica no respeito à liberdade de expressão em suas variadas formas de comunicação.

Este trabalho pretende apresentar aos alunos alguns aspectos da cultura indígena da Tribo Puyanawa e suas manifestações artísticas nessa região. Viu-se

também, que é importante para essa tribo a revitalização de sua cultura para manterem sua identidade como uma etnia distinta, a do Povo Puyanawa. A educação, tanto a de “branco” quanto a indígena pode ser um instrumento usado para esse fim.

Outro aspecto a ser considerado na cultura puyanawa é a língua. Ela pertence à família linguística pano e é chamada pelos falantes de Ûdikuî, "língua verdadeira". Entre os puyanawas, a primeira pessoa que despertou para a necessidade da manutenção linguística do grupo foi Railda Manaitá, que, mesmo sem material pedagógico, tentou transmitir aos outros índios este valor linguístico por meio de aulas onde ela mesma ensinava a língua nativa. (PAULA, 1992).

Em 2009, dos 500 índios puyanawa, apenas três falavam o Puyanawa: Railda Manaitá, 79, a única fluente na língua; seu irmão, Luiz Manaitá, 85; e o ex-cacique Mario Puyanawa, 65. Apesar do esforço em retomar a língua, os resultados ainda são limitados. (BANDEIRA/Folha de São Paulo, 2009). As aulas têm o objetivo de ensinar não só o idioma como também a cultura puyanawa. Assim, no dia que a reportagem da Folha esteve na aldeia, os alunos do ensino médio estavam fazendo artesanato. Eles haviam ido até a mata para aprender a reconhecer o tipo de cipó que pode ser usado; depois, aprenderam a fazer cestos, vassouras, utensílios para pesca e outras coisas. Segundo o cacique Joel Puyanawa, o objetivo é que eles aprendam um ofício e possa fazer disso uma forma de sustento, como também uma atividade de recuperação da língua. Terminada a tarefa, os alunos tinham a obrigação de escrever todo o processo de feitura, em puyanawa. (Novo em Folha - Línguas ameaçadas de extinção no Brasil - Poinaua).



Figura 7: Cartaz em sala de aula da escola Ixubã Rabuy Puyanawa, em Mâncio Lima (AC) mostra os números em puyanawa; Foto: Luiza Bandeira/Folha Imagem; Fonte: Luiza Bandeira/Folha de São Paulo, 2009. Língua>Puyanawa

É possível perceber que a Língua Puyanawa, assim como outros elementos já citados, é importante para a cultura desse povo. Por meio da arte/educação pretendemos levar o aluno a refletir sobre as diferentes possibilidades de estudar a Disciplina de Arte de forma mais divertida, agradável e diversificada. A educação escolar, que já foi para os indígenas, instrumento de opressão, hoje é o caminho para a revitalização dessa cultura.

1.3. A Cultura Indígena no Contexto Escolar

1.3.1. Educação Escolar Indígena: Um Currículo Diferenciado

O Brasil é habitado por várias tribos e cada uma delas tem suas tradições que devem ser respeitadas. Na dissertação de mestrado do Professor Manoel Estébio Cunha nota-se certa preocupação com relação à preservação da cultura dos povos indígenas do Acre por ver na educação escolar o principal caminho para revitalizar as tradições de um povo quase extinto. Em seu trabalho, o professor defende que os indígenas devem organizar seus próprios currículos de acordo com cada etnia, assim os modelos Kaxinawa, deveria ser diferente do Jaminawa, que deveria diferir do Madija, do Yawanawa e assim por diante, garantindo a existência de uma

educação escolar indígena no plural e não a educação escolar indígena do índio genérico. Dessa forma, é possível garantir alguma individualidade dentro de um sistema voltado para uma educação geral dos povos indígenas que não levam em conta as diversas etnias.

A educação indígena no Estado do Acre não é diferente das demais regiões do país. No entanto, percebe-se que existe maior preocupação das autoridades estaduais com as questões indígenas. Acredita-se que essa preocupação se dar devido a grande concentração de tribos de diversas etnias que habitam as terras acrianas e também pela política que os governos dos últimos 15 anos vêm desenvolvendo em relação às questões ambientais. Política, desenvolvimento sustentável e meio ambiente estão muito ligados aqui no Acre. Nesse contexto, pode-se incluir o respeito pelos povos indígenas e a valorização de sua cultura. Como exemplo dessa valorização, pode-se mencionar a reserva indígena com grande extensão de terra ao longo da BR 364, no trecho Rio Branco/Cruzeiro do Sul que abriga várias tribos; nomes de emissoras de rádio e televisão como a “TV Estatal Aldeia”, “Rádio Verdes Florestas”, “Juruá FM”; instituição como “Hospital do Juruá”, “Teatro dos Náuas” e até a arquitetura do aeroporto de Cruzeiro do Sul é em formato de uma oca.

Devido à diversidade das etnias presentes no Acre, existem muitos movimentos, comissões projetos, programas voltados para área de educação que apoiam e respeitam as culturas indígenas. Esses programas e projetos têm como objetivo fortalecer a pluralidade cultural no contexto escolar, procurando vencer preconceito em relação ao aluno índio. Atualmente já vê na escola “de branco” vários alunos filhos de índios estudando sem sofrer discriminação.

Essa convivência precisa ser incentivada, pois o conhecimento se desenvolve nas diversas formas expressão dos educandos e na formação de valores. Quando o conhecimento se volta somente para atender as demandas do mercado, deixa uma lacuna no que se refere ao autoconhecimento, à reflexão e a riqueza existente em cada um. A cultura de cada segmento social precisa ser exercitada, exposta, compartilhada para que todos repensem sobre conceito multicultural da arte que se ensina na escola.

1.3.2. Linguagem Visual e o Ensino Multicultural de Arte

Como definir o multiculturalismo dentro da escola? A diversidade das formas de expressão cultural nas diferentes regiões do país é o que chamamos de multiculturalismo. A escola tem papel importante para o reconhecimento e fortalecimento dessa pluralidade. Estudar o multiculturalismo por meio do conceito da diversidade cultural significa dar espaço para as diferentes manifestações dessa diversidade, além de todos saírem ganhando por conhecer formas distintas de se expressar. Como exemplo, pode-se citar a cultura indígena puyanawa no contexto escolar do “branco”, onde o aluno perceba, neste trabalho, a intenção de formar identidades próprias a partir da pluralidade cultural, desafiando preconceitos, em busca de uma educação para a cidadania e para a crítica às desigualdades sociais e culturais.

Na conjuntura atual, a escola deve estar comprometida com a construção do saber e do conhecimento, preparando o educando para a transformação do seu universo, por meio de diversas linguagens. Ao conviver com as diversas culturas, espera-se que o aluno passe a reconhecer e respeitar o direito do outro à diversidade, pois cada ser é livre para se manifestar. As sociedades em geral se caracterizam pela produção da linguagem como sistema simbólico para a comunicação. Esse sistema torna possível a formação cultural, o desenvolvimento cognitivo e a formação de valores. Nesse contexto está o educador para direcionar as novas expectativas educacionais. Assim espera-se que o aluno passe a enxergar o mundo sob diversas perspectivas tendo a arte dessa tribo como uma dessas lentes. Inserido ao multiculturalismo está a linguagem visual que compreende várias categorias de expressão, onde a construção de qualquer uma delas implica em conhecimento e na leitura de elementos visuais como a forma, a cor, o espaço (bidimensional e tridimensional), o equilíbrio, a relação entre luz e sombra, plano e superfície, além de outros (PUCCETTI, 2005). O conhecimento da linguagem visual, por exemplo, assume fundamental importância quando se reconhece que vivemos na “civilização da imagem”, conforme assinala Durand (apud MEIRA, 2003:40), e partir daí, necessário para a formação integral das pessoas e sua socialização em forma de inclusão do cidadão (PUCCETTI, 2005).

Ao produzir artisticamente e/ou compor visualmente, a pessoa articula e estrutura o sentir e o pensar. Nesse fazer artístico estão presentes o conhecimento e a leitura dos elementos visuais, a organização e a

ordenação do pensamento, a significação (representação), a construção de imagem, a expressão da história pessoal e social do sujeito. Então, acreditamos que o ensino de arte é resultado da articulação entre o fazer, o conhecer, o exprimir e o criar. (BUENO, 2002 apud PUCETTI, 2005).

A cultura da tribo puyanawa se insere nesse contexto, pois a tendência de fazer objetos bonitos a partir de caroços, fibras, palmeiras, palhas, cipós, sementes, cocos e outros, além da pintura corporal, manifesta essa linguagem.

Assim surge a necessidade de inserir a cultura indígena no ensino da arte fundamentada no multiculturalismo e cultura visual. Um ensino que incentive o aluno a conhecer sua cultura da qual ele faz parte.

Questões relativas à diversidade cultural são abordadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental (1ª a 4ª série), publicados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 1997. Contudo, no ensino fundamental, a Pluralidade Cultural foi lançada como Tema Transversal. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997). A esse respeito, Ana Mae Barbosa (1998, p. 29) argumenta:

[...] mais que um mero tema de estudo de todas as disciplinas, as questões relativas à multiculturalidade só serão resolvidas pela flexibilização de atitudes e valores. Por outro lado, não se trata de um tema transversal, mas básico para uma sociedade que se configure como democrática.

A partir desse documento e do lançamento dos PCN para a educação infantil, o ensino fundamental (5ª a 8ª série) e ensino médio, que contempla a Pluralidade Cultural, as questões relativas à diversidade étnica e cultural passam a ser discutidas no ambiente escolar, embora ainda de forma incipiente. (LOP, 2009).

Embora nos últimos anos o multiculturalismo tenha ganhado força nos debates educacionais, referentes ao ensino das Artes Visuais, destacando-se a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, reconstruída a partir de um enfoque multicultural; a experiência sobre a Estética do Cotidiano, proposta por Ivone Mendes Richter; a inclusão do Pluralismo Cultural nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), seja como um tema transversal ou não, e os estudos que buscam desenvolver práticas engajadas nessa perspectiva ainda são insuficientes no Brasil. (LOP, 2009). A esse respeito, Moreira (apud LOP, 2009) afirma que: “[...] uma maior articulação de estudos teóricos com aqueles que mergulham nas práticas curriculares em diferentes espaços educacionais poderia aprimorar projetos emancipatórios em educação e formação docente.”

Portanto, no ensino das Artes Visuais, torna-se necessário desenvolver experiências concretas fundamentadas na perspectiva multicultural. Essas experiências devem enfatizar: a) o conhecimento da arte produzida pelos diferentes grupos culturais, em nível local e regional, a fim de valorizar a cultura de cada estado; b) conceber a arte como possibilidade de transcender fronteiras culturais, de formar novas identidades, ricas e híbridas; c) dá ênfase ao contexto histórico-cultural, no qual o objeto artístico foi produzido; d) proporcionar ao aluno múltiplas possibilidades de interpretação de uma única obra, já que ela varia conforme o contexto cultural do interpretante; e) valorizar o significado que os alunos atribuem ao conhecimento construído. (LOP, 2009).

Nestes termos, uma perspectiva de arte/educação por intermédio da educação multicultural, além de propor um enfoque mais próximo ao nosso cotidiano, pode também estabelecer uma análise mais ampla do contexto no qual o aluno está inserido, que inclui tanto a dimensão social, quanto individual das experiências vividas. Com isso, além de serem abertas possibilidades de entendimento sobre relações sociais mais amplas, também é incentivada a reflexão sobre os processos de construção de identidade e de reconhecimento da diversidade e da diferença.

1.3.3. A Arte na Educação Escolar: Teoria e Prática

O que motivou o desenvolvimento deste tema (teoria e prática na educação escolar) foi a intenção de verificar como o ensino da Arte está sendo trabalhado nas escolas. Encontrar uma definição para arte que satisfaça a todos os envolvidos nesse contexto é tarefa difícil. A esse respeito, Zanin (2004, p.59) diz o seguinte,

A arte é uma dessas coisas que, como o ar ou o solo, estão por toda a nossa volta, mas que raramente nos detemos para considerar. A arte não é apenas algo que encontramos nos museus e nas galerias de arte, ou em antigas cidades como Roma, Paris, Florença. A Arte está presente em tudo que fazemos para satisfazer nossos sentidos.

De acordo com a citação se faz necessário que se defina a proposta de trabalhara arte na escola e que se definam quais metodologias serão adotadas. Como se sabe, o ensino da arte é fundamental para desenvolvimento do estudante,

pois arte é conhecimento e envolve o pensamento, o sentimento estético e a formação intelectual do aluno. (ZANIN, 2004).

As teorias que incorporam o relacionamento com as práticas e o acesso ao conhecimento da arte, sem a pretensão de abranger uma verdade única, contribuem para o desenvolvimento estético e crítico dos alunos. Para nós, a concepção de arte pode auxiliar na fundamentação de uma proposta de ensino e aprendizagem artísticos, estéticos e aponta para uma articulação do fazer, do representar e do exprimir, onde a concretização da obra de arte se faz no contato com as pessoas, quando o ato criador se completa. Segundo Vazquez (1977, apud LELIS 2001)

A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isto tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização de meios materiais e planos concretos de ação: tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais e efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.

Pela citação acima a arte desempenha papel importante na educação de todo estudante, pois ao construir qualquer objeto, artisticamente, o aluno está empregando conhecimentos teóricos e práticos que vem adquirindo no decorrer de sua vida.

Sabe-se a arte sempre esteve presente em todas as formações culturais, desde o início da história da humanidade. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. Zanin (2004) aponta entre os autores que formularam princípios inovadores para o ensino das artes plásticas, música, teatro e dança, Herbert Read. O “Movimento da Educação através da Arte” teve como manifestação mais conhecida a tendência da livre expressão influenciada pelo trabalho de Lowenfeld, que, segundo Zanin (2004), acreditava que a potencialidade criadora se desenvolveria naturalmente em estágios sucessivos desde que se oferecessem condições adequadas para que a criança pudesse se expressar livremente.

Ainda de acordo com Zanin (2004, p. 58),

Atualmente, professores do mundo inteiro se preocupam em responder perguntas básicas que fundamentam sua atividade pedagógica: “Que tipo de conhecimento caracteriza a arte?” “Qual a função da arte na sociedade?” “Qual a contribuição específica que a arte traz para a educação do ser

humano?” “Como as contribuições da arte podem ser significativas e vivas dentro da escola?” e “Como se aprende a criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?”. Essas questões geraram as condições para o estabelecimento de um quadro de referências conceituais solidamente fundamentando dentro do currículo escolar, focalizando a especificidade da área e definindo seus contornos com base nas características inerentes ao fenômeno artístico. A partir disso, desenvolveram-se muitas pesquisas dentre as quais se ressaltaram as que investigam o modo de aprender dos artistas, as quais trouxeram dados importantes para as propostas pedagógicas, que consideram tanto os conteúdos a serem ensinados quanto os processos de aprendizagem dos alunos.

Pelo o exposto a proposta de arte na atualidade está tendendo para a educação estética do dia a dia a fim de complementar a formação artística dos alunos.

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394 (1996), a arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (artigo 26, parágrafo 2). A atual legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens. Ela visa destacar os aspectos mais importantes da criação e percepção estética dos alunos e o modo de assimilar os conteúdos, indispensáveis para a cultura do cidadão contemporâneo. (PCN de arte, 1997).

Diante do exposto a escola tem papel fundamental nesse processo porque proporciona ao educando desenvolver-se como cidadão crítico do seu meio, levando-o a participar e interpretar o seu cotidiano, por meio da teoria e da prática.

CAPITULO II – METODOLOGIA

2.1. A Cultura Puyanawa e a Arte/Educação na Escola Cunha Vasconcelos

A experiência com a turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Cunha de Vasconcelos, ao desenvolver um projeto na área de ação cultural e educativa, cujo tema aborda a cultura puyanawa no contexto escolar, é um exemplo de como a criatividade pode ser usada nas aulas de arte.

Trabalhou-se essa temática procurando explorar conteúdos referentes à diversidade de um dos grupos indígenas presentes no município de Rodrigues Alves. Tal interesse se deu pelo fato de querer associar o ensino da arte e a cultura local enquanto instrumento pedagógico. Os dados foram coletados por meio da observação e por uma entrevista. Compôs a pesquisa, os índios da tribo puyanawa, a professora que ministra a disciplina de arte na Escola Cunha de Vasconcelos e alunos da Educação de Jovens e Adultos dessa mesma escola.

O estudo foi iniciado com uma fase preparatória de contato inicial e coleta de dados:

1. Contato inicial com os indígenas visando uma autorização das autoridades da tribo para levar os alunos à aldeia. Para isso contou-se com a colaboração de uma professora da escola, casada com um índio da tribo, que intermediou o contato.
2. A visita à aldeia da Tribo Puyanawa teve como objetivo conhecer o processo criativo desses indígenas que utilizam elementos da natureza para fazerem “sua arte”. Para a realização da visita foi disponibilizado um ônibus escolar do município. Os alunos levaram consigo câmera fotográfica para registrar a arte da tribo (pintura corporal e em cerâmica).

A visita à Tribo Puyanawa teve por finalidade aproximar os estudantes da cultura indígena, levando-os a entender o processo de criação dessa arte, bem como, conscientizá-los da importância dessa cultura em seu dia a dia e assim, compreender, que fazem parte desse universo. Tendo em vista o que foi exposto no presente estudo sobre a cultura puyanawa, pode-se afirmar que uma visita guiada a uma determinada tribo não é suficiente para compor ações educativas para um trabalho interativo dentro das instituições de ensino. Porém, é possível perceber a

falta de iniciativa da escola em relação à metodologia utilizada para a disciplina de arte no que se refere a ampliar estudos dessa natureza, ou seja, associar a arte que se ensina na escola com arte que está a sua volta.

3. Uma entrevista com a professora de arte da escola Cunha Vasconcelos, visando conhecer a prática pedagógica utilizada em suas aulas de arte. A entrevistada é formada em pedagogia há quinze anos. Durante a entrevista, a professora falou sobre o que é arte para ela. Entre outras coisas afirmou que “arte é tudo aquilo que criamos e necessitamos de integrá-la no nosso dia-a-dia para o desenvolvimento do nosso senso crítico”. Com relação à forma como desenvolve as atividades práticas durante as aulas de arte, a professora falou que trabalha muito com criação de desenho, com colagem e às vezes com interpretação de imagens. “Costumo avaliar meus alunos no decorrer das atividades, considero importante essa avaliação”, afirma a entrevistada.

4. Uma sondagem com os alunos para de verificar conhecimentos referentes à diversidade cultural dos povos indígenas, em especial a tribo puyanawa.

Com base nesses dados, desenvolveu-se o plano de ação e a atividade, obedecendo aos interesses dos estudantes e tendo como base a cultura indígena puyanawa no contexto escolar.

5. Em sala de aula, os alunos compartilharam os conhecimentos adquiridos sobre a cultura indígena puyanawa, por meio de atividades escritas elaboradas a partir da realidade vista na tribo. Em seguida, assistiram ao vídeo “O povo Brasileiro” de Darcy Ribeiro. Aproveitou-se esse vídeo para promover um debate sobre a cultura indígena. Para direcionar as discussões, algumas reflexões foram postas como, por exemplo, se os índios de hoje são os mesmo de antigamente? Quais diferenças e semelhanças entre os indígenas do vídeo e os da tribo puyanawa?

6. Em outro momento os alunos reproduziram o grafismo indígena, pintando em tela ou jarros de barros e, também, alguém da sala. Na oportunidade, explicaram o significado de cada traço do desenho a partir das explicações que tiveram na aldeia. Para isso, utilizaram um painel montado para essa finalidade e cerâmica em argila. Um indígena da aldeia foi convidado para vir à escola e fazer uma “aula de contação de histórias” (lendas) como a da “Mãe D’agua”, “Caipora”, “Mãe da Seringueira”, “Batedor”, “Cobra Grande”, entre outras. A interação entre alunos e convidado, foi feita por meio de troca de perguntas e questionamentos para que os “saberes” fossem compartilhados por todos os presentes.

A atividade foi feita em dois dias. No primeiro dia foi mais a parte de socialização dos saberes, isto é, os alunos interagiram com o indígena convidado onde ele falou sobre a história de vida dos poyanawa e contou muitas lendas, segundo ele é tudo verdade. O segundo momento da atividade e o mais esperado foi a prática. Para isso dividiu-se a turma em dois grupos. O primeiro trabalhou com o painel montado e o segundo com a cerâmica. O material utilizado foi providenciado pelos próprios alunos que trouxeram de casa, como tecido e os vasos (potes, moringas, jarras feitas de barro). A tinta utilizada foi produzida a partir dos produtos que os indígenas utilizam para esse fim como o urucum, a tabatinga e o jenipapo. Esse material é fácil de encontrar na região. Os desenhos que produziram eram livres, mas de acordo com as explicações que eles tiveram na tribo. No final da atividade os alunos explicaram o que cada desenho significava de acordo com entendimento da cultura poyanawa.

Durante a atividade prática, verificou-se que os alunos estavam calmos e mais atentos às explicações. Todos participaram ativamente da ação, mostrando-se bastante motivados e interessados, confeccionando objetos relacionados à arte indígena. O grupo de estudantes que trabalhou com pintura, envolveu-se de tal maneira na confecção do painel que, em seguida, várias alunas começaram a fazer pintura nos rostos, simulando pinturas corporais indígenas. Em relação ao segundo grupo, destaca-se a participação de uma aluna considerada tímida e com dificuldades de expressão oral. Ela participou de forma ativa e dinâmica, elaborando desenhos com cores escuras e sombrias. Ao término das atividades, professores e demais funcionários da escola disseram que uma atividade dessa natureza não seria esquecida tão facilmente pelos alunos.

Por meio desta atividade percebeu-se a importância de se utilizar estratégias metodológicas educacionais na tentativa de despertar a atenção dos alunos. Percebe-se que eles se sentem motivados para o processo de aprendizagem, se este for pensado de forma a propiciar o desenvolvimento de sua criatividade. No entanto, temas como este causam estranheza nos estudantes, pois o conhecimento que eles têm sobre os povos indígenas é superficial. A questão fica mais complexa em relação às informações referentes à existência das tribos que habitam no Estado do Acre. Percebe-se que os alunos têm conhecimento vago da existência dos povos indígenas no território acriano, demonstrando também que são vistos como uma

realidade distante, abstrata e até mesmo idealizada. Até os nomes desses povos causam certo espanto nos alunos. De certo modo, a escola ajuda a construir essa visão afastada e generalizada dos índios, pois, na maioria das vezes, sua existência é lembrada de forma folclórica, no dia 19 de abril. Como nos mostra Ângelo (2006, p. 208):

A educação escolar foi utilizada como uma ferramenta de catequização, como aliada na discriminação e na visão ideológica do 'índio', que influenciou a formação do povo brasileiro. São construções ideológicas de desvalorização da imagem do outro, feitas pelo branco europeu, que foram inseridas nos currículos escolares, e se perpetuaram por muitos séculos. Contribuindo para o massacre cultural dos povos indígenas.

A citação acima motivou que esta atividade se voltasse para a valorização da arte indígena, revitalizando sua cultura, utilizando a educação como instrumento de valorização e respeito pela cultura do outro, e assim, diminuir essa lacuna entre o processo criativo do “branco” e o do “índio”.

De acordo com que foi apresentado, percebe-se a necessidade de se investir em programas de ensino que preencham essa lacuna sobre a linguagem multicultural no contexto escolar. Nesse sentido, projetos como este podem auxiliar na busca de uma política educacional mais participativa e inclusiva, procurando incluir temas como este no currículo escolar. Essa preocupação se justifica para que o ensino dos conteúdos referentes aos temas transversais, divulgados nos PCN, seja explorado de forma mais contextualizado em sala de aula. A Disciplina de Arte pode servir de ponte para essa contextualização, pois se utiliza das diversas linguagens para expressar as variadas formas de comunicação. Desta forma, a Arte contribui para a formação social dos alunos levando em conta as multiculturas que estão contempladas nos componentes curriculares.

Atividades com esta são importantes para a formação crítica dos estudantes, pois de um lado, têm-se os povos indígenas com acervos representativos de sua história e cultura; de outro, as escolas que, por meio de seus professores, ministram conteúdos, muitas vezes, distantes de sua realidade. Os docentes justificam que não se sentem preparados e motivados para investir numa ação desta natureza, por isso não exploram as possibilidades que a disciplina oferece em relação ao uso de metodologias que podem auxiliar no processo de aprendizagem. Nesse jogo de

indefinições, os alunos perdem, os professores perdem, a escola perde, enfim, a educação deixa de cumprir seu real papel na sociedade.

Esta experiência contribuiu com as reflexões acerca dos conteúdos referentes à Disciplina de Arte na Escola Cunha Vasconcelos, reconhecendo que é necessário ampliar estudos dessa natureza. Nesse sentido, é oportuno criar mecanismos para investir no desenvolvimento de atividades regulares que oportunizem aos estudantes expressar seus conhecimentos por meio da Arte, mediante convênios com as Secretarias de Educação e Cultura. Sendo assim, este trabalho pode servir de base para uma reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem que vem sendo desenvolvido na escola. Na execução das atividades, aprendeu-se o valor da troca, do incentivo e da persistência, aspectos que sintetizam o fazer no campo da ação cultural. Como aspecto negativo do trabalho, destaca-se a relutância dos indígenas em se deixar fotografar. São bastante desconfiados em relação à comunidade “branca”. Sempre acham que se quer tirar algo deles. É compreensível diante de tudo que eles viveram no passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as informações contidas neste trabalho, pode-se dizer que a escola tem papel importante para o reconhecimento e fortalecimento da cultura regional. Assim as escolas devem adequar seus currículos para atender a essas diversidades culturais que é fundamental para enriquecer a própria cultura local. Quanto mais se valoriza a cultura regional, mais se aprende sobre a riqueza dessa região que está presente em cada um de seus habitantes, seja aluno, professor e as instituições como um todo.

O trabalho foi considerado positivo no sentido de despertar o interesse dos estudantes sobre a cultura indígena. Nessa perspectiva o trabalho traz uma proposta pedagógica para os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Braz de Vasconcelos. Tal proposta se caracteriza por despertar o senso crítico dos alunos sobre o papel da escola enquanto instituição educativa onde o aluno encontre alternativas para seu aprendizado.

Este trabalho buscou oportunizar aos alunos dessa comunidade escolar outro olhar sobre a arte indígena puyanawa e sua influência no processo histórico-social na formação da sociedade local. Também procurou valorizar a cultura indígena dessa tribo e suas manifestações artísticas nessa região para ensinar arte de forma diversificada, pois apesar de serem descendentes de índios e essa região habitarem várias tribos, o ambiente escolar desconhece essa rica cultura. Assim, o aluno conhecendo a arte de outra cultura, compreende a relatividade de valores arraigados em seu modo de pensar e agir. Ao refletir sobre essa cultura percebe-se que ela está presente no dia a dia dos estudantes dessa região, no entanto, passa despercebida porque a população do município desconhece ou não valoriza sua origem. Entendemos que este trabalho possa trazer outras possibilidades artísticas para serem trabalhadas em sala de aula. Sabe-se que as limitações são muitas, porém, o professor deve ter criatividade para buscar alternativas para superar a monotonia da sala de aula. Nesse sentido, as metodologias assumem papel importante na aprendizagem dos educandos, tornando as aulas mais significativas, prazerosas e eficazes. Espera-se que as informações apresentadas neste trabalho levem professores e alunos, a uma reflexão sobre os métodos utilizados na disciplina e também, repensem sobre o conceito do ensino multicultural da arte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliene A. de, Revista Faeeba N33 final.p65 9. 2010. Disponível na Internet via URL: <http://www.ppgeduc.com/revistadafaeeba/anteriores/numero33.pdf>. Acesso em: 22/04/12.

BANDEIRA, Luiza. Folha de São Paulo, 2009. LínguaPuyanawa. Disponível na internet via www URL: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/puyanawa/2215>. Acesso em: 22/04/12.

BARBOSA, A.M (org). Arte/educação Contemporânea: consonâncias internacionais. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BULGRAEN, Vanessa C. O PAPEL DO PROFESSOR E SUA MEDIAÇÃO NOS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010 – ISSN 1807-9539. Disponível na internet via URL: <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39> Acesso em: 22/04/12.

CUNHA, Manoel. E. C. da. O ACRE E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, INTERCULTURAL, DIFERENCIADA E BILÍNGÜE 2009. Disponível na internet via. URL: <http://www.ufac.br/portal/unidades-academicas/pos-graduacao/mestrado-em-letras-linguagem-e-identidade/dissertacoes/dissertacoes-de-2009/arquivo-de-manoel-estebio-cavalcante-da-cunha>. Acesso em: 24/04/2012.

DIAS, B. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria Queer. In: BARBOSA, A. M. (org.) Arte/Educação Contemporânea. Consonâncias Internacionais. SP: Cortez, 2006.

EDUCAÇÃO NEO-HUMANISTA NO BRASIL. Disponível na internet via www. URL: <http://gts.amps.org/portoalegre/escolasnh/>. Acesso em: 24/04/2012.

FUNAI. Relatório da Viagem Realizada a Áreas Indígenas. Cruzeiro do Sul-AC, 03/13/1977. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/puyanawa/2223>. Acesso em 07/04/12

FUSARI, Maria F. de Rezende e FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. Arte na Educação Escolar. Coleção Magistério 2º grau. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HISTÓRIA DOS ÍNDIOS BRASILEIROS. Disponível na Internet via URL: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/indios-brasileiros/historia-dos-indios-brasileiros-13.php>. Acesso em: 07/04/12.

LELIS, Isabel Alice. DO ENSINO DE CONTEÚDOS AOS SABERES DO PROFESSOR: MUDANÇA DE IDIOMA PEDAGÓGICO?. Educ. Soc. vol.22 no.74 Campinas Apr. 2001. Disponível na Internet via URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 03/05/2012.

MENINAS EM ARTE. Programa de Índio, 2012. Disponível na Internet via URL: <https://meninasemarte.wordpress.com/2012/04/.../programa-de-indio>). Acesso em: 07/04/12.

NOVO EM FOLHA. Línguas ameaçadas de extinção no Brasil - Poinaua. Disponível na Internet via URL: <http://treinamento.folhasp.com.br/linguasdobrasil/lingua-poinaua.html>. Acesso em: 07/04/12.

PAULA, Aldir Santos de, 1992. Língua Puyanawa. Disponível na Internet via URL: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/puyanawa/2215>. Acesso em: 07/04/12.

PROJETO ALDEIAS VIGILANTES, 2006. Disponível na Internet URL: http://www.amazonlink.org/aldeiasvigilantes/site/05_Registro%20de%20viagem%20da%20Oficina%20T.I.%20POYANAWA.pdf. Acesso em: 07/04/12.

PROJETO CORREDOR PANO, 2011. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://corredorpano.blogspot.com.br/>. Acesso em: 07/04/12.

PUCETTI, Roberta - Articulando: arte, ensino e produção para uma educação especial. Cadernos-edição: 2005 - N° 25. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2005/01/a10.htm>. Acesso em: 14/04/2012.

PUYANAWA - Povos Indígenas no Brasil, 2010. Disponível na Internet via URL: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/puyanawa/print>. Acesso em: 07/04/12.

TASTEVIN. Aspectos Culturais Puyanawa - Povos Indígenas no Brasil. Disponível na Internet via URL: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/puyanawa/2219>. Acesso em: 07/04/2012.

ZANIN, 2004. Programa de Mestrado em Educação. Disponível na Internet via WWW. URL: www.arteducacao.pro.br/Artigos/arte_e_educacao.htm. Acesso em: 26/04/12.